

> <https://doi.org/10.20396/proa.v13i00.16599>



Práticas musicais e mídia – (in) visibilidades contemporâneas e distinção social no Instituto Anelo (Campinas-SP)

Fernando Costa Cordovio

> fernando.cordovio@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas

PROA

Revista de Antropologia e Arte





Práticas musicais e mídia – (in)visibilidades contemporâneas e distinção social no Instituto Anelo (Campinas-SP)

Resumo: Na pesquisa “Distinção social em práticas musicais - educação, mídia e política” (CORDOVIO, 2019), procurei compreender a construção dos valores expressos por jovens componentes de uma instituição dedicada ao ensino de música ligada ao gênero instrumental, principal referência para suas práticas. Foram considerados os processos de socialização nas variadas instâncias educativas produtoras de bens simbólicos ao longo de suas trajetórias de vida. O foco, ora apresentado, articula os vieses atribuídos às experiências midiáticas tecidas no percurso institucional, aos efeitos delas apreendidos. Os resultados indicam incremento de capitais diversos pelos jovens (culturais, sociais, econômicos), bem como à possibilidade de sua sujeição à violências simbólicas subjacentes àquelas vivências.

Palavras-chave: Educação; Mídia; Práticas musicais.

Musical practices and media – contemporary (in)visibilities and social distinction at Instituto Anelo (Campinas-SP)

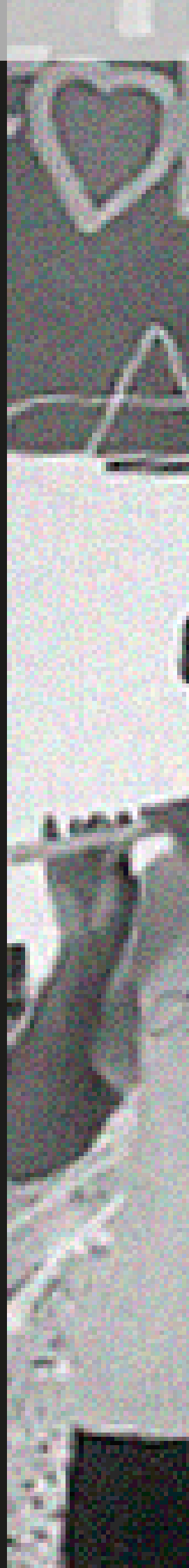
Abstract: In the research “Social distinction in musical practices - education, media and politics” (CORDOVIO, 2019), I sought to understand the construction of values expressed by young members of an institution dedicated to teaching music linked to the instrumental genre, the main reference for their practices. Socialization processes were considered in the various educational instances that produced symbolic goods throughout their life trajectories. The focus, presented here, articulates the biases attributed to the media experiences woven in the institutional path, to the effects they inferred. The results indicate an increase in diverse capital by young people (cultural, social, economic), as well as the possibility of their subjection to the symbolic violence underlying those experiences.

Keywords: Education; Media; Musical practices.

Prácticas y medios musicales: (in)visibilidades contemporáneas y distinción social en el Instituto Anelo (Campinas-SP)

Resumen: En la investigación “Distinción social en las prácticas musicales - educación, medios y política” (CORDOVIO, 2019), busqué comprender la construcción de valores expresada por jóvenes integrantes de una institución dedicada a la enseñanza de la música vinculada al género instrumental, principal referente de sus prácticas. Se consideraron procesos de socialización en las diversas instancias educativas que produjeron bienes simbólicos a lo largo de sus trayectorias de vida. El enfoque, aquí presentado, articula los sesgos atribuidos a las experiencias mediáticas tejidas en el recorrido institucional, a los efectos que inferen. Los resultados indican un aumento de capital diverso por parte de los jóvenes (cultural, social, económico), así como la posibilidad de su sometimiento a la violencia simbólica que subyace en esas experiencias.

Palabras clave: Educación; Medios de comunicación; Prácticas musicales.



> Práticas musicais e mídia – (in)visibilidades contemporâneas e distinção social no Instituto Anelo (Campinas-SP)

Fernando Costa Cordovio

 <https://orcid.org/0000-0003-0950-1832>

fernando.cordovio@yahoo.com.br

Doutor em Educação

Universidade Estadual de Campinas

1 Introdução

O presente artigo origina-se de pesquisa qualitativa (CORDOVIO, 2019) a respeito de práticas culturais desenvolvidas por jovens originários das camadas populares, integrantes do Instituto Anelo, instituição dedicada ao ensino de música desde meados do ano 2000, localizada no Jardim Florence I, periferia do município de Campinas – SP. Compreender a construção dos valores expressos por esses sujeitos, considerando os processos de socialização nas variadas instâncias educativas produtoras de bens simbólicos ao longo de suas trajetórias de vida erigiu-se como objetivo central. Confirmou-se a tese a respeito da colaboração da lógica dos jogos sociais na orientação das ações de seus componentes, principalmente pelo viés distintivo legitimado, contemplando-se particularmente as articulações institucionais ao gênero instrumental no decorrer de sua história, ante a possibilidade, ainda, de a música vir a se tornar a atividade profissional dos rebentos. O enfoque ora proposto versa sobre os tangenciamentos da instituição com a imprensa “tradicional” e as novas mídias desenhados ao longo do tempo a respeito dessas práticas culturais.

O *corpus* documental analisado se baseia em procedimentos constituídos a partir da metodologia da história oral, observações de cunho etnográfico (somam-se à elas material impresso recolhido em alguns dos episódios observados), e em conteúdos midiáticos divulgados em veículos televisivos, impressos, radiofônicos e digitais (sítios virtuais de jornais, telejornais, rádios, redes sociais e correio eletrônico).

Para a comprovação da tese de que as práticas culturais desenvolvidas pelos jovens do Instituto Anelo estão pautadas principalmente pela intenção de erigir um valor distintivo, tornou-se fundamental localizar os quadros teóricos e ideológicos da democratização cultural nos quais estão inscritas as pesquisas a respeito das práticas culturais

(BARBOSA, 2016). Tais perspectivas compõem o denominado disposicionalismo, “tradição sociológica que interpreta as práticas sociais como resultantes da internalização, pelos indivíduos, de representações, crenças, valores [...] etc., e que orientam as ações nos mais diferentes contextos sociais” (Idem, p. 223). A análise das práticas e consumos culturais proposta por essa vertente é constituída por “dois conjuntos de assertivas a respeito das relações entre dimensões sociais, econômicas e culturais” (Ibidem, p. 224), intitulados de legitimista e pluralista.

A tradição legitimista está pautada nas relações entre as divisões sociais estruturadas e as disposições que delas são produto. Refere-se, assim, “à associação de formas de capital, hierarquias de práticas (mais ou menos legítimas) e distribuições de capital simbólico¹ (resultado de efeitos de composição entre formas de capital econômico, cultural e social²) no quadro das divisões sociais de classes” (Ibidem). Desta feita, esse conjunto é internalizado pelos sujeitos como disposições para as práticas culturais.

Todavia, ao explicar sobre as relações que os sujeitos mantêm com as disposições, Bernard Lahire (2017) advoga a favor de um programa científico de uma sociologia em escala individual cujo intento é:

preencher o vazio deixado por todas as teorias da socialização ou inculcação que evocam retoricamente “a interiorização da exterioridade” ou “a incorporação de estruturas objetivas” sem verdadeiramente dar-lhes corpo pela descrição etnográfica (ou historiográfica) e da análise teórica (LAHIRE, 2017, p. 44).

Sua crítica é dirigida aos sociólogos que, preocupados com a reprodução social desenvolvida por instituições sociais diversas, dentre elas, a família e a escola, se satisfizeram com a constatação de desigualdades ante as instituições legítimas, insistindo na reprodução que levou a negligência “do que se reproduz” e “como, segundo quais modalidades isso se reproduz”, resultando numa teoria da reprodução completa. Desse modo, ele questiona sobre o quê efetivamente se transmite e como esta transmissão se opera, seja na família, ou em qualquer instituição cultural (LAHIRE, 2017).

Esses postulados se alinham à perspectiva disposicionalista pluralista, a qual não nega a existência de desigualdades sociais diante das formas culturais mais legítimas, “sobretudo o papel sempre central do capital cultural no acesso às formas mais eruditas de cul-

1 De acordo com Pierre Bourdieu, “capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio” (BOURDIEU, 1989, p. 145).

2 Por sua vez, “capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas, ou em outros termos, à vinculação a um grupo” (Idem, 2011, p. 67).

> Práticas musicais e mídia

tura” (LAHIRE, 2007, p. 797). Assim, o próprio caráter legitimador necessita ser melhor compreendido em função dos contextos de sociabilidade e de suas condições de produção, posto que por eles se torna relativo e é alterado em sua presunção hegemônica.

Nesse sentido, torna-se fundamental para a compreensão pretendida o delineamento de pormenores relativos ao conceito de disposição como produto incorporado da socialização que necessita da repetição de experiências relativamente semelhantes, as quais podem ser observadas em contextos aproximados aos analisados. Ela se constitui através dessas durações, de certo grau de repetições sistemáticas e também da intensidade de sua incorporação, podendo, assim, ser reforçada através da solicitação contínua (LAHIRE, 2004). Disposições são estipuladas como propensões, inclinações, “apostas” - efeitos de socialização para acreditar, a sentir, a julgar, a se representar, a agir, mais ou menos duradouras (Idem, 2015).

2 Os jovens e a música



Imagem 1 – Folder da Instituição divulgado em maio de 2017 (INSTITUTO ANELO, 2017).

A imagem acima colabora para oferecer um panorama inicial acerca da instituição, objeto de nossa atenção, bem como os sujeitos que a integram, parte de seus valores e de suas origens sociais. Ela estampa a capa do folder oferecido à plateia convidada para assistir a apresentação realizada pelo Instituto Anelo na sede da FEAC³, em 30 de maio de 2017. Dela podem ser apreendidos alguns elementos pertinentes a presente discussão: em destaque, ao centro, empunhando sua flauta transversal, está Rômulo, músico e professor do Anelo. Foi nele que o jovem deu seus primeiros passos na carreira musical, ainda como aluno. Os olhos cerrados ressaltam sua feição compenetrada, introspectiva, na execução das notas musicais que soarão a partir da embocadura do instrumento. Figura emblemática na instituição, Rômulo está presente em inúmeras reportagens realizadas sobre ela em função de sua trajetória pessoal: profissionalizou-se na música sendo ali iniciado e já há alguns anos também compõe seu corpo docente. Além disso, é deveras significativo o plano de fundo que dá contorno ao jovem: a linha de trem do Jardim Florence, bairro no qual também reside. A referência específica a esse local, ainda que em dia ensolarado exibindo a aparente e bucólica paisagem daquela região não deve passar despercebida, justamente pelos contornos de violência a ela conferidos pelo fundador da entidade, Luccas Soares, em uma de suas entrevistas a mim concedidas: “esse trem aí que está passando... tem muitas histórias sobre ele... Muitos amigos meus morreram nessa linha de trem... Eles acabaram envolvidos com droga, com a violência no geral e teve um amigo meu que foi amarrado na linha” (Luccas Soares, p. 5 da textualização⁴). Assim, já se torna possível a alusão à configuração de sentidos diametralmente opostos em virtude da presença ou ausência da música naquele espaço social, então corroborada pelo não menos importante *slogan* no alto da publicação: “Música que transforma” – Instituto Anelo, sublinhando não apenas a antinomia exposta, mas também a perspectiva profissionalizante, a qual se presume como um de seus fundamentos. A dita “transformação”, especialmente como “ganho de autoestima”, também vislumbrada pelo fundador, viria a ser reiterada por outros dos jovens entrevistados, tornando-se possivelmente a principal bandeira institucional sem que a ela, no entanto, se restringissem perspectivas vinculadas estritamente às práticas musicais. A clave de sol, em espelho, é evidente insinuação que dispensa comentários, bem como o avermelhado coração numa possível referência à vida afetiva da instituição, ou mesmo ao amor à música, ambos declarados repetidas vezes por alguns dos colaboradores das pesquisas ali realizadas. Por fim, convém lembrar que a imagem do folder é a mesma que dá início ao vídeo institucional Anelo – Música que transforma (INSTITUTO ANELO, 2018). Ambos fazem parte da campanha de arre-

3 Fundação FEAC - Federação das Entidades Assistenciais de Campinas - organização da sociedade civil, privada, que presta assessoria e consultoria à entidades executoras das políticas de assistência social (FEAC, 2017).

4 Fase de elaboração dos documentos em história oral na qual são eliminadas perguntas e retirados erros gramaticais, procurando-se reordenar o texto a partir do “tom vital”, frase guia utilizada pelo pesquisador nessa tarefa (MEIHY & HOLANDA, 2007).

cadação de fundos para a construção da sede própria da entidade, compondo parte de seu capital midiático mais recente.

Antes de passarmos ao desenvolvimento dessa espécie de recurso, urge digressão por alguns dados biográficos do fundador em virtude de sua importância e da confluência de elementos de sua trajetória a do percurso institucional, bem como algumas das motivações que desencadearam sua criação.

Originário das camadas populares, Luccas Soares é filho de comerciante e doméstica, e seria por eles orientado desde cedo à uma vida essencialmente laboral, objetivada para complementar os ganhos familiares - “fomos morar com meu pai [que] tinha uma visão de que as pessoas tinham que trabalhar, não importava a idade. Lembro que aos seis, sete anos ele colocava a gente pra vender vassouras e sabão na rua, tirando da gente o nosso direito de escola” (CORDOVIO, 2013, p. 45). Além das lacunas escolares daí decorrentes, ele também sofreria dissabores relacionados ao preconceito de outros residentes do bairro cujas casas eram geograficamente melhor posicionadas que a de sua família, situada na “invasão” de um terreno no Jardim Florence.

Esse conjunto de infortúnios colaboraria para que o jovem se percebesse como portador de uma “autoestima destruída”, passando a desejar “algo que o deixasse feliz” em contraposição ao constante constrangimento da “vergonha” que sentia. Assim, em despreziosa visita à uma igreja pentecostal, se depararia com um músico tocando teclado, vislumbrando aí uma alternativa para sua vida: “fiquei apaixonado pelo som! E falei: “Eu quero ser isso daí! Eu quero tocar esse negócio aí...”.

Todavia, as limitações econômicas impor-lhe-iam dificuldades para arcar com os custos de eventuais aulas particulares, e os estudos ao piano só seriam possíveis a partir do empréstimo do instrumento da mãe de uma amiga. Desta feita, concebeu “a ideia de uma escola particular de música prá quem não pudesse pagar”, locando, também dificuldade, um pequeno salão no mesmo bairro para desenvolver esse intento. Entretanto, constataria ele:

o número de pessoas que não podia pagar procurava muito mais do que aqueles que podiam. Eu comecei a ficar perdido, porque no primeiro ano já tinham quinhentos e vinte e seis alunos. Como eu levei tantos não, eu tinha dificuldade prá falar não... E comecei a lotar isso aqui de alunos e a me sobrecarregar de uma forma que serviu muito bem como experiência, mas que não era o ideal. (LUCCAS SOARES, p. 10 da textualização).

O trecho exposto oferece um panorama acerca da dimensão da demanda da população do entorno em relação às práticas culturais ali oferecidas, e da enorme repercussão da iniciativa tomada naquele momento. A sensação de “estar perdido” de nosso interlocutor

evidencia restrições de ordens diversas relativas ao acolhimento do volume de alunos a ser atendido, envolvendo também aspectos ainda pouco desenvolvidos, como habilidades de cunho administrativo e financeiro, referentes tanto à logística e aos custos, quanto ao pessoal necessário e adequado ao funcionamento institucional - docentes e secretariado. A expressão se torna ainda mais relevante se a tomarmos como indicativo das limitações e necessidades do grupo de jovens que ali se aglutinou em torno dos mesmos propósitos. Consideremos a esse respeito o viés de outro colaborador da pesquisa: “eles precisavam ser ajudados também [...]. Não foi uma coisa planejada. Não teve planejamento nenhum. Eles começaram a dar aulas prá eles mesmos e prá quem pudesse estar junto e a coisa foi crescendo, foi crescendo (Dorival de Oliveira, p. 9 da terxtualização).

Ante a gama de empecilhos encontrados, não tardariam para que se iniciassem as incontáveis solicitações de auxílio, ainda no entorno institucional, mas cujos desdoramentos contribuiriam para o desenvolvimento de um relevante capital midiático.

3 Relações com a mídia - (in)visibilidade e violência simbólica

Historicamente, o Instituto Anelo vem se dedicando a formatos diversos de divulgação de suas ações. Se nos primórdios desse percurso eles se mostrariam módicos, quando seus jovens integrantes ainda endereçavam cartas a proprietários de comércios locais pleiteando patrocínios, ou através de pequenas apresentações musicais realizadas em escolas da região, futuramente evidenciariam caráter profissional e multifacetado em virtude do desenvolvimento das novas tecnologias, sendo constituídos por plataformas *online*, como sítio virtual - construído por sua rede voluntária de apoio, páginas em redes sociais recheadas por postagens periódicas, bem como contatos frequentes com canais de televisão, rádio e jornais impressos e digitais. Esse conjunto colaboraria para culminar na produção de um considerável montante de reportagens a seu respeito. É possível afirmar, a partir dos dados coletados, que em virtude das necessidades que então se apresentavam, determinadas disposições foram sendo constituídas por parte dos integrantes da entidade para que o complexo exposto fosse edificado, cooperando para incrementar a divulgação das ações realizadas e assim prolongar sua sobrevivência. O sustentáculo dessa construção configura-se como um dos imperativos na contemporaneidade: a visibilidade (AUBERT; HAROCHE, 2013). Para melhor dimensionarmos esse panorama, debrucemo-nos sobre um excerto das narrativas coletadas:

Quando saiu a primeira matéria da Anelo, poxa, ninguém conhecia o Instituto. A gente tava aqui com dificuldade de pagar o aluguel e ninguém sabia, ou quem sabia não dava tanto valor. E muitas pessoas gostariam de conhecer o Instituto porque tinham filhos que gostariam de aprender música, queriam uma escola pra colocarem os seus filhos pra aprender música porque era o sonho de muitos e num tinha condição

e muitos não conheciam o Instituto. Então abriu porta na divulgação do Instituto, abriu porta no crescimento do Instituto. Hoje nós podemos dizer que a gente cresceu muito. A mídia de uma forma positiva ajudou a mostrar pra Campinas que a gente existe e que a gente tá com trabalho sério. A ideia do Instituto é séria. Como tem sido até hoje, porque se não fosse séria não conseguiria tá de pé até hoje da forma que a gente tá. Da forma voluntária, com os professores voluntários. Então, quer dizer, eu vejo de uma forma muito positiva. A gente agradece de uma forma bem positiva a mídia que conseguiu mostrar pra Campinas o Instituto.

Abriu portas pra parcerias [...] como o Souza⁵, como a Timbres⁶, como alguns lugares que colaboram com o Instituto, então é legal cê chegar num lugar, fala assim: olha, a gente participa duma ONG, tal. É diferente lá você chegar e mostrar uma mídia. Poxa a pessoa realmente passou tal dia na televisão (Hernani, conselheiro fiscal, pp. 13-14 da textualização).

Os elementos imbricados nas palavras desse colaborador são inúmeros: a precariedade econômica, o desconhecimento da instituição pela população do entorno desejosa pelo consumo e desenvolvimento de práticas culturais, o crescimento, a valorização e a “seriedade” de suas ações ao serem constituídas como objetos de divulgação pela mídia, podendo-se inferir desse conjunto, tanto um efeito distintivo, e aos “ganhos sociais em distinção, ligados à superioridade das formas culturais mais raras e legítimas” (LAHIRE, 2017, p. 56), posto que “é diferente você chegar e mostrar que um dia você realmente passou na televisão”, quanto uma tendência à invisibilidade quando tais práticas eram mais modestas, visto que “ninguém sabia [das dificuldades enfrentadas], ou quem sabia não dava tanto valor”. Nesse sentido, a compreensão do jovem de que “a mídia ajudou de uma forma positiva a mostrar pra Campinas que a gente existe” é reveladora. Por um lado, ela se alinha à proposição do pensador irlandês George Berkeley (1685-1753), de que “ser é ser percebido”, favorecendo o reconhecimento da instituição quando ela passa a ser visível aos outros, tal como apontam Türcke (2010) e Aubert & Haroche (2013). É a prova da existência pela imagem, afinal, “é preciso ser visto para existir e para contar” (BARUS-MICHEL, 2013, p. 39), confirmando-se assim a injunção da visibilidade na contemporaneidade, como bem denominou Birman (2013). Por outro, veremos que por trás desse elemento a princípio “positivo”, se justapõem camadas latentes de uma representação midiática por vezes deslegitimadora.

O complexo de necessidades institucionais supraexposto, como indicado, se coadunaria às precárias condições da trajetória de seu fundador, colaborando para que nele fossem desenvolvidas, ou mesmo reativadas e incrementadas determinadas disposições relativas à visibilidade. Outro ângulo de observação pode auxiliar para evidenciarmos a combinação de alguns desses atributos:

5 Souza Lima – Conservatório e Faculdade de Música.

6 Timbres – Instrumentos musicais – loja especializada nesse ramo localizada em Campinas – SP.

> Práticas musicais e mídia

E o Luccas é muito bom nisso: ele vende muito bem a história, a ideia e porque é bom mesmo. Ele convence a gente no começo a ficar. [...] você vê que tem futuro, que consegue mudar alguma coisa (Gabriela, ex-presidente do Anelo, p. 4 da textualização).

Ao considerar o poder de persuasão do fundador da entidade para que as pessoas nela permaneçam e a auxiliem, a jovem também se refere à qualidade de seu produto cultural, a música, o qual “é bom mesmo”. A habilidade desenvolvida por Luccas, que “vende muito bem a ideia” contribui para melhor dimensionar parte das relações estabelecidas com a mídia, em concomitância às condições e necessidades dos jovens integrantes do Anelo na sociedade contemporânea. Vender-se, assim, torna-se um imperativo (TÜRCKE, 2010; CORDOVIO, 2013). O trecho dialoga ainda com a narrativa do próprio Luccas ao relatar que a sociabilidade experienciada em sua infância, desencadeada a partir das necessidades e injunções familiares, pode ter colaborado com o desenvolvimento de inclinações diversas, relacionadas especialmente à comunicação, à revelia dos processos educativos concernentes à sua escolarização:

Então essa venda ambulante, estar num lugar, estar em outro, sempre me atraiu. Achei interessante, ser menos controlado... e me ajudou muito na comunicação. O pouco que eu me comunico hoje devo muito a essa experiência. Poderia ser diferente? Poderia ser diferente. Poderia ter aprendido isso em sala de aula? Sim. Talvez não. Mas eu devo muito a isso... conseguir conversar, mesmo sem muita instrução, pois na época era uma aprendizagem totalmente defasada devido às interrupções (Luccas, fundador, p. 5 da textualização).

Futuramente ele complementaria nossa suposição sobre tais inclinações e suas devidas atualizações, adotando ainda, postura crítica em relação à mídia tradicional e parte de seus produtos:

Acho que se eu num fosse músico eu ia me interessa em fazer marketing. Porque eu gosto [...]. Algo bom a gente precisa mostrar, né? Eu acho quanto mais eu contribuir com algo bacana, vai incentivar, vai mudar a realidade de muita gente. A gente tem uma mídia ruim porque tem muita gente que curte as coisas ruins, né?

Como as necessidades materiais continuariam imperando não apenas para ele, mas também para a instituição que fundara, não tardaria para que suas iniciativas “publicitárias” junto a sua trupe passassem de um *modus operandi* corpo a corpo, calcado nas relações do entorno, para um formato etéreo, permeado pelas novas tecnologias da imagem, tangenciando, inicialmente, a mídia tradicional local. Esse elemento contribuiria para alçar a entidade a níveis de visibilidade consideráveis ao longo do tempo. As relações aí estabelecidas, remontam praticamente aos momentos iniciais de sua história, justapondo-se a eles. Na ótica de um de seus antigos professores, as narrativas construídas

pelos meios de comunicação a respeito do Instituto Anelo são realizadas há tempos: “tem reportagem em jornal e televisão ali desde sempre” – Dorival, ex-professor (CORDOVIO, 2013, p. 60). Eis o relato de como se efetivou o primeiro contato com a mídia:

A primeira reportagem foi um pedido de socorro, talvez. Eu tinha 20 anos. [...] finalzinho de 2000. E o Florence já era notícia na mídia, assim, pelo cenário da violência. E quando chegou a Anelo, chegou com algo diferente. Mas até 2015 o olhar da mídia pra gente foi tipo, foi sempre assim, um trabalho que ensina música que o poder público não olha e que corre o risco de fechar. Sempre foi isso. Na época num tinha nem *e-mail*. A gente num tinha nem telefone aqui. Era um orelhão público que eu ia falava ‘olha, tô desenvolvendo um trabalho voluntário com aulas de música pras crianças do bairro e nós estamos com muita dificuldade, correndo o risco até de fechar. Eu num conhecia ninguém da mídia. Tanto que até hoje praticamente eu faço essa assessoria de imprensa pra Anelo. Ia de uma forma muito natural (Luccas Soares, p. 13 da textualização).

A iniciativa de Luccas ao telefonar para a imprensa num “pedido de socorro”, evidencia-se frente a precariedade econômica institucional e ao iminente encerramento de suas atividades dela decorrente. Ainda que seja naturalizada em sua narrativa, é possível presumir que essa ação esteja relacionada às necessidades materiais por ele encontradas no curso de sua própria trajetória e ao desenvolvimento de disposições que o colocaram para auxiliar a família ainda quando criança, em sua atuação como vendedor ambulante de salgados no centro da cidade. Além disso, é possível inferir, emergindo daí, um processo de transferência daquelas mesmas inclinações, posto que permeadas por contextos similares. Desenvolvidas a partir da sociabilidade primária, seriam agora reativadas e atualizadas no novo contexto institucional. Dentre elas, é possível destacar a disposição para se relacionar, anteriormente observada. As atualizações das relações do então jovem fundador da entidade, especialmente junto à alguns repórteres, o colocam até hoje como o principal interlocutor para que a imprensa se faça presente. Desvela-se assim, outra faceta do capital social por ele acumulado. Ademais, o trecho expõe o cenário de violência, espécie de legado dos bairros periféricos das grandes metrópoles na contemporaneidade. Ele não deixaria de ser objeto de exploração e de atenção da grande mídia, como estamos habituados a ver, sacudindo a banalidade da rotina e alimentando as pulsões, especialmente as de morte - angústia e violência, assim cumprindo com a função trágica, catártica, promovida pela visualização de imagens na contemporaneidade (BARUS-MICHEL, 2013). Todavia, agora ele seria contraposto a “algo diferente” oferecido pelo Anelo, colaborando para dimensionar a música como possível elemento “salvador” e, porque não, distintivo.

Além desses elementos, tornam-se nítidos como os efeitos imperativos da visibilidade contemporânea acoçam o fundador do Anelo, especialmente no que tange à virtual “*ine-*

xistência, ou até mesmo à *insignificância*⁷ da instituição decorrentes da injunção do olhar, do “vejo e sou visto, logo existo” de nossos tempos (BIRMAN, 2013, p. 49).

Passemos então a apresentar outros elementos relativos à trajetória midiática construída.

3.1 Reportagens

Ao nos debruçarmos sobre as matérias elaboradas, é possível observar temas, formatos e conteúdos que se mantêm recorrentes desde a fundação da organização, até aqueles que evidenciariam força considerável para alterar quantitativa e qualitativamente os rumos institucionais, bem como as relações com a própria imprensa e com representantes da política municipal. Presume-se que, tanto a linguagem utilizada, quanto a estética relativa a esses conteúdos, tenham colaborado para a produção desses respectivos efeitos. Também é plausível notar relativa homogeneidade em determinadas formas de narrar a história da entidade, assim como em boa parte do teor desse material, muitos de seus personagens, suas ações e mesmo valores, cuja recorrência se mostra significativa, constituindo um roteiro pouco alterado pela mídia ao longo do tempo, independentemente de suas produções terem sido realizadas por diferentes empresas de comunicação: emissoras de televisão, rádio, jornal impresso ou Internet. Esse aspecto sugere também uma similitude nas formas de expressão das equipes de reportagem e, conseqüentemente, das empresas que elas representam, podendo-se dele deduzir alguns de seus valores, posicionamentos políticos e ideológicos.

Genericamente, são comuns e frequentemente reiteradas nas narrativas midiáticas as temáticas referentes à pobreza, à criminalidade, aos jovens em situação de risco, às campanhas de arrecadação de instrumentos musicais, à música como espécie de salvação, à descoberta de talentos, à profissionalização através da música, à “oportunidade” dela decorrente, ao jazz, à música instrumental, à cidadania, ao trabalho voluntário, aos sonhos, desejos e esperanças daqueles jovens em sua luta por melhores condições de existência.

Dentre os inúmeros elementos que compõem as matérias destaque, inicialmente, algumas de suas manchetes, às quais se coadunarão os textos e temas abordados, bem como as formas utilizadas para delinearlos. Para que se tenha um panorama prévio acerca das possibilidades de sentidos referentes aos posicionamentos dos órgãos de comunicação que as enunciam, seguem alguns exemplos:

7 Grifos do autor.



Imagem 2 – Manchete - Música revela talentos no Florence 1. Projeto Cidadão. (CORREIO POPULAR, 2007).

Instrumento que em tese revela a urgência, necessidade e utilidade do fato divulgado ao público leitor, a manchete veiculada se refere à produção de sentidos que seus editores procuram imprimir anunciando, através dela, sua posição ideológica, bem como a forma “de moldar os fatos, esticá-los e comprimi-los, reproduzindo assim a vida pública e privada conforme os parâmetros ideológicos dos produtores da notícia” (DUTRA, 2018).



Imagem 3 – Manchete - ONG perde sede e busca auxílio. Correio Popular, Caderno Cidades (SIQUEIRA, 2014).

Essa conformação em relevo, já nos oferece, como podemos observar nos exemplos supracitados, o prenúncio de uma dualidade paulatinamente explorada por seus produtores. Observa-se, de forma geral, para além das temáticas mencionadas pelas manchetes, um teor não apenas de fragilidade socioeconômica, cujo solo se oferece incerto, arriscado e vulnerável, mas também como se dele despreendessem dois únicos e antagônicos caminhos para aqueles jovens: tornar-se um talento musical, sendo inclusive “exportado” para o mundo, ou sucumbir ao submundo do tráfico de drogas, expoente do imaginário relativo às periferias das grandes metrópoles em nosso país. Edifica-se assim, um contraste entre sucesso e fracasso que achata a realidade, como se o sujeito alçado ao nível do primeiro se transformasse numa figura autossuficiente sustentada por aquele estereótipo social, em oposição a um suposto parasitismo do segundo, decorrente de sua dependência, invariavelmente avaliada como negativa (SENNET, 2004). Essa antinomia revelar-se-á não apenas ao longo das narrativas, mas também em sua composição recheada de edições e efeitos, nas quais serão empregadas entonações dos âncoras da televisão, sons e imagens que muito colaboram para constituir e endossar o pretendido efeito, todos esses elementos se encerrando num roteiro paulatinamente reiterado.

Sem desejar simplificar demasiadamente a complexidade que os próprios dados da pesquisa predizem, as reportagens parecem inspirar, ou mesmo induzir a um maniqueísmo *hollywoodiano*, como se a linha tênue entre dois personagens, bandido e mocinho, ou herói e vilão, fosse costurada pela presença ou ausência da música na vida dos integrantes da instituição. Seria essa afinal, a “diferença” anunciada por seu fundador ao procurar pela primeira vez os órgãos de comunicação em sua tentativa de socorrê-la? A resposta parece ser afirmativa, constituindo-se uma espécie de heroísmo e aparente salvação em torno do projeto ante a possibilidade de seus membros escaparem, através da música, do suposto destino social de marginalidade atribuído a uma camada inteira da população: as classes populares. Eis uma das facetas da violência simbólica embutida nesse mecanismo, categoria que designa “todo poder que chega a impor significações e impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força” (BOURDIEU; PASSERON, 2013, p. 25).

Desta feita, as construções imagéticas, representações midiáticas à guisa de apresentação (MARTINS, 2016), relativas aos jovens pertencentes a essas camadas da população, quase sempre tendem a ganhar ares de superação a obstáculos supostamente intransponíveis, justamente em função de suas condições de existência. Referências à pobreza e à miséria são delineadas em formato de tragédia e em algumas matérias não são sequer respeitados os limites da vida íntima daqueles sujeitos, tal qual o panorama observado por Adorno (1996), em que a intimidade, então, se transforma em matéria pública. Em essência, o conteúdo, independentemente de seu formato de divulgação, destaca as práticas desenvolvidas pelos jovens em seu propósito de dominar um instrumento musical em tom de suplantação geralmente individualista, épico mesmo, endossado pela exposição de um árduo trabalho fundamentado na autodisciplina e autonegação próprios ao ascetismo leigo. Na matéria abaixo, dois expoentes do Anelo são alçados a representações de “orgulho” e exemplos de “vidas modificadas”: Bruno Piapara, 24, hoje baixista e guitarrista da Família Lima, e Daniel Fernandes Lima, 31, baixista dos sertanejos Bruno e Marrone, Edson e Hudson, bem como da dupla Mirim Vitor e Vitória, filhos desses últimos (ROCHA, 2017).

Em Campinas, Instituto Anelo usa a música para modificar vidas

Apesar da trajetória difícil o projeto que oferece aulas gratuitas de música para pessoas de comunidades carentes

17/05/2015 - 19h46 - Atualizado em 17/05/2015 - 19h49 | Eric Rocha

Recomendar 555 Tweet G+1 0 A+ a- E-mail Imprimir Comunicar erro



Parte dos alunos que hoje participam das aulas do Instituto Anelo: atividades desenvolvidas no Jardim Florence I se transformam em alternativa

Imagem 4 – Instituto Anelo usa a música para modificar vidas (ROCHA, 2017).

Embora não tenhamos encontrado dados a respeito dos egressos, bem como percentuais relativos à profissionalização, é possível problematizar esse bordão institucional re-
troalimentado pela imprensa, considerando não apenas o montante de alunos atendido desde sua fundação⁸, mas especialmente à luz de narrativas de participantes do projeto que não trilham semelhantes vias. Um trecho de Daniel contrapõe esse desejo com a concorrência de outra atividade profissionalizante em desenvolvimento, como a de ser cabeleireiro, no seu caso, possivelmente herdada de sua família através de sua mãe e sua irmã, ambas cabeleireiras: “Pensei! Profissionalizar em música [...] tem uma barreira muito, muito grande. Ser músico e ter outra profissão é muito difícil [...]. Eu sempre criei uma barreira prá mim, né? [...] ou eu era músico, ou... num conseguia conciliar muito. Foi então que eu optei por ter a música só como hobby”. Assim, para ele, fatores como a urgência do tempo, remuneração e inserção no mercado musical se tornariam divisores das águas laborais e aquelas atreladas exclusivamente ao lazer.

Por sua vez, a máxima dos propósitos “tirar crianças da rua” evidentemente não ficaria ausente desse conjunto, estando entrelaçada a não incomum associação entre esses temas. A matéria “Trilha sonora da vitória” (MEDEIROS, 2014), por exemplo, explicita o referido bordão em meio ao clima festivo da reportagem em virtude do lançamento do primeiro CD gravado pela instituição. Ao lado do texto central encontra-se a sutil nota: “O Instituto Anelo é resultado de um projeto criado por Luccas Soares no Jardim Floren-

⁸ A mesma reportagem indica que desde sua fundação em maio do ano 2000, aproximadamente 2000 alunos foram atendidos pelo projeto (Ibidem, 2017). Se por um lado, metodologicamente é impraticável compararmos os poucos exemplos de “sucesso” e profissionalização mencionados nas entrevistas e reportagens com a citada quantidade de ingressantes, por outro, qualitativamente tais menções colaboram para endossar a tese distitiva, objeto da presente investigação.

ce I, com a finalidade de retirar crianças das ruas e afastá-las da criminalidade por meio da música” (Ibidem, 2014).



Imagem 5 – Destaque para a nota “Saiba Mais” (MEDEIROS, 2014).

Desse excerto é possível extrair significados implícitos acerca da finalidade das ações institucionais em sua faceta midiática, numa justaposição discursiva, visto que a citação deve ter sido retirada do sítio⁹ virtual da entidade, dada a semelhança entre ambos. Presume-se daí que crianças e jovens por ela assistidos estão propensos, ou inseridos em contextos de criminalidade e que, assim sendo, deles necessitam ser afastados “por meio da música”.

Aproxima-se ainda, de remotas narrativas de Luccas, podendo corroborar sua trajetória, marcada pela origem nas camadas populares, repleta de sabores decorrentes da fragilidade socioeconômica de sua família como referência de seu ideário e ações que auxiliariam para a construção de disposições para crer e agir, motivando-o à fundação do Anelo. Afinal, “a música mudou sua vida e pode mudar a de tantos Luccas”, alterando a direção a um suposto caminho de criminalidade. Eis o formato “preventivo” da música como opção à delinquência que tanto parece assombrar aquelas camadas. Esse posicionamento do fundador tenderia, então, a tornar-se regra e fundamento institucional, não apenas a partir de sua influência e *status*, sendo geralmente confirmado pelo grupo de sujeitos ali envolvidos, mas sacramentado pelas narrativas coconstruídas pelos meios de comunicação.

⁹ INSTITUTO ANELO. Disponível em <<http://www.anelo.org.br/NossaHistoria.php>>. Acesso em 30 de junho de 2014.

Elementos como esses podem ser observados nas narrativas de outros colaboradores, também expostas pela mídia. A partir deles é possível inferir a respeito da possibilidade de terem se constituído, nesses jovens, disposições para crer no conjunto de valores aí embutido em virtude da sociabilidade efetivada na instituição, como podemos constatar na entrevista concedida por Levi a um canal de televisão: “O instituto Anelo é, ele me influenciou a não segui o caminho que todos os meus amigos, ou parte dos meus amigos seguiram. Alguns tão mortos, outros tão nas drogas, e eu possivelmente poderia te ido. Nunca se sabe, né?” (BAND CIDADE, 2017).

Desta feita, a dúvida do jovem a respeito de seu próprio destino social é associada aos (des)caminhos já mencionados, aludindo então a um capital simbólico negativado. Ao mesmo tempo, seu discurso é justaposto ao constructo midiático, oferecendo novamente a oportunidade de aumentar a visibilidade da instituição e, conseqüentemente, seu conjunto de capitais. Essa exposição, parece assim, condensar os ambíguos efeitos que podem ser depreendidos das relações que a instituição vem estabelecendo com a imprensa, assim como de seus respectivos produtos - as reportagens. Se por um lado, a “grande mídia” parece vir colaborando para potencializar o capital simbólico “positivo” da instituição através das inúmeras repercussões observadas, por outro, ela torna-se termômetro (e mesmo incentivadora) da desigual distribuição desse mesmo capital. Afinal, dentre todas as distribuições, a repartição do capital simbólico, ou seja, da importância e das razões de viver, ela é uma das mais desiguais e, indubitavelmente, a mais cruel. “Essa distribuição é tão desigual que Bourdieu chegou a falar da “maldição de um capital simbólico negativo” a propósito do “pária estigmatizado” (SAINT MARTIN, 2017, p. 111). Se outrora ele que podia ser o judeu da época de Kafka, mais recentemente ele pode ser o preto dos guetos e, porque não, o jovem das camadas periféricas urbanas brasileiras.

A compreensão que vem sendo delineada se alinha a outras investigações acerca de práticas musicais desenvolvidas por Organizações Não Governamentais dirigidas aos público infante juvenil oriundo das camadas populares. O que vem sendo observado e discutido por pesquisadores dos campos da Educação, da Sociologia, das Juventudes e da Etnomusicologia (GUAZINA, 2011; ARAÚJO *et alli*, 2016, HIKIJI, 2006) é que uma das principais preocupações dessas agremiações está relacionada com o uso do tempo livre dos jovens. Tais estudos revelam “ambivalências, impasses na esfera objetiva e subjetiva na dinâmica do cotidiano” (KLEBER, 2006, p. 277).

As ambivalências, no presente caso, anunciam uma perspectiva solidária e coletiva ao vislumbrar as juventudes e suas “potencialidades impressas na vivência plural do tempo livre, do lazer e da cultura como direitos plenos de cidadania”; entretanto, preocupa-se com o uso desse mesmo tempo limitado “à busca de redução de danos ou de prevenção da violência” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 213) através das práticas musicais desenvolvidas na entidade.

Esse também parece ser o retrato construído e estampado pela mídia, que assim o realça, evidenciando perspectivas de distinção social em opostos, desejáveis e temidas, não, é claro, sem deixar contraditoriamente, de justapô-las. Aqui é possível afirmar que os aspectos distintivos estão vinculados às classes sociais, especialmente à “aquisição de cultura” por suas camadas menos favorecidas, de forma diametralmente oposta a sua aproximação com atividades ilícitas. Afinal, não é usual observarmos em discursos midiáticos a aprendizagem de um instrumento musical por parte de jovens pertencentes às camadas médias ou às elites socioeconômicas ser imediatamente vinculada ao tempo que eles deixarão de ficar na rua e, dessa forma, evitar sua exposição aos infortúnios do tráfico de drogas. Tampouco o desenvolvimento da profissionalização na música por parte desses mesmos rebentos, elemento que os furtaria de presumida inserção à uma rede de marginalidade. Nesse sentido, algumas veiculações insinuam-se como racismo de classe, tal como nos aponta Jessé Souza em várias de suas obras, justamente ao caracterizar e classificar as diferentes camadas sociais, eufemística ou diretamente, em virtude de seu “desapossamento cultural” (BOURDIEU, 1983).

3.2 Novas disposições nas relações com a mídia

Ao retomarmos as relações com a mídia na sequência do acompanhamento do projeto, observamos que o debate instaurado sobre esse tema no episódio destinado à devolutiva da primeira pesquisa (CORDOVIO, 2013) realizada parece ter desencadeado um cuidado a ser tomado com a imprensa e com as significações que ela depositava sobre os jovens da entidade até então. Ressalto a justaposição desse impacto no fundador do Anelo ao tomar conhecimento do teor da publicação Escola de música recruta jovens contra o tráfico (MARIA, 2014), possivelmente a primeira matéria veiculada pela mídia a vir afetá-lo negativamente. Pouco antes do agendamento da devolutiva, ele me telefonara para relatar sua indignação a respeito da reportagem ter divulgado minúcias de sua vida particular e de outros jovens da instituição. Assim, é possível presumir novas ponderações acerca daqueles sentidos que eles mesmos vinham produzindo, reproduzindo e impondo a si mesmos através do denominado “caráter preventivo” acerca das próprias práticas culturais que, assim estipulado, compunha, inclusive, o projeto político pedagógico da instituição.

O que verificamos é que, com o decorrer do tempo, a partir daquele *feed back* e a associação da reportagem do jornal Estado de São Paulo com o desvelar da violência simbólica sofrida pelos jovens através dos órgãos de comunicação, foi produzido impacto suficiente para que novas formas de relação com a imprensa começassem a ser construídas. Nesse sentido, é possível supor a edificação de novas disposições no fundador

da entidade. Para validar essa assertiva, retomemos um fragmento da segunda enquete com ele realizada:

Eu acho que, assim, detalhe: você trouxe algumas provocações nesse sentido. No sentido de rua, de tirar, cê tem muito culpa nisso... Uma culpa boa acho...você, o Dorival, o Osmar [...], mas [...] principalmente sua fala, mas de trazer uma reflexão, principalmente depois [...] da matéria do Estadão (Luccas Soares, fundador, p. 21 da textualização – 2ª entrevista).

Desta feita, às “provocações” por ele mencionadas no contexto da devolutiva, somam-se os posicionamentos de outros colaboradores da instituição, supondo-os semelhantes aos expostos naquela ocasião. A “culpa boa” se refere, portanto, à responsabilidade sobre mim depositada a respeito da reflexão incitada a partir do vínculo estabelecido durante a pesquisa.



Imagem 6 – Página do Caderno Cultura do Estadão de 1 de junho de 2014 (MARIA, 2014).

Para concluir tais inferências, recupero outro excerto de sua entrevista, a partir da utilização da imagem acima como muleta da memória. Após observá-la, ele diz: “Eu acho que essa matéria ela foi a pior e a melhor matéria da Anelo até hoje. É isso que me vem na cabeça assim.” Dessa forma, ele respalda seu posicionamento crítico em relação aos dissabores experienciados no momento de sua publicação, sem desconsiderar seu aproveitamento no processo de desconstrução dos estigmas a que os próprios jovens vinham se submetendo. Como desdobramentos práticos desse aspecto, as reportagens, de acordo meu interlocutor precisariam, a partir de agora, ser “combinadas com antecedência” para que não houvesse surpresas desagradáveis, evidenciando a preocupação relativa às representações institucionais veiculadas pela imprensa desde então.

Esse cuidado, no entanto, não furtaria os jovens de serem surpreendidos em ocasiões futuras, tal como no episódio em que foram convidados a conceder entrevista na RAI – emissora italiana, por ocasião de sua participação num festival de música no município de Arcevia. A expectativa em conversar livre de preconceitos com um repórter de uma emissora internacional, responsável por receber ícones de “quilate” de nossa MPB, se revelaria frustrada pelos próprios discursos apreendidos pelos jovens acerca de si mesmos, quando o repórter retomaria o intento relacionado à retirada de crianças das ruas: “eu tinha 20 anos quando começou o Instituto Anelo formalmente. O discurso na época era esse. E ele acabou virando uma verdade do passado no presente” (Luccas Soares, p. 8 da textualização). Apesar do trabalho de desconstrução referentes àqueles posicionamentos já ter sido iniciado em virtude da apreensão dos prejuízos simbólicos sofridos pela entidade nos episódios supracitados, Luccas se lamentaria, pois, em meio a tantas realizações, “as pessoas só se lembravam disso. Da tragédia, de tirar criança do crime”.

Sua narrativa contribui para que problematizemos “as tensas relações entre as várias instâncias simbólicas produtoras de bens e valores culturais” (SETTON, 2002, p. 110). Se outrora a mídia era vista como aliada incondicional do Instituto Anelo, tida por seus proponentes como grande colaboradora ao repercutir suas ações, atualmente os vínculos estabelecidos com ela passariam à estar sob relativa suspeita. A tensão explicitada por Setton ao anunciar a luta simbólica entre as várias instâncias educativas, incluindo-se aí a mídia e a própria sociabilidade estabelecida a partir das pesquisas desenvolvidas, além dos próprios elos institucionais, pode ser percebida no tom de ironia utilizado por Luccas referindo-se ao repórter da RAI quando questionado se ele próprio havia sido morador de rua – “O cara estava me promovendo. Eu falei: ‘não!’ Ao vivo. Não, num foi isso, num foi isso. Isso num é verdade”, recusando-se assim a servir como mero depositário de seu discurso.

4 À guisa de conclusão

A partir do presente estudo foi possível averiguar ambivalências nas relações estabelecidas entre a instituição pesquisada e a mídia. Evidencia-se, por um lado, o desenvolvimento do capital simbólico por parte da primeira, favorecendo em muito a repercussão de suas ações e a possibilidade de reconvertê-lo em outras espécies de capital, especialmente o econômico e o social. Por outro, observa-se a justaposição das narrativas dos jovens a dos *experts* em comunicação, assim colaborando para reforçar a constituição de capital simbólico negativado. Essa parece ser uma das grandes contradições contempladas a partir desse conjunto de discursos, incluindo-se neles os imagéticos. Com o tempo, novas disposições relacionadas à mídia também foram sendo incorporadas pelo fundador da organização, contribuindo para que parte desses conteúdos e sentidos fosse por

ele rejeitado. Os vínculos estabelecidos a partir da primeira pesquisa desenvolvida na entidade colaboraram parcialmente nesse processo. Ainda que parte dos valores aí embutidos passasse a ser objeto de desconstrução pelos integrantes da instituição, tal movimento não foi necessariamente observado nas repercussões midiáticas posteriores.

Os capitais social e simbólico daí advindos favoreceram sua própria retroalimentação aproximando os jovens do poder executivo do município de Campinas. Dessa forma, finalmente puderam ter contemplada a cessão de um terreno para nele soerguer sua sede própria. Os recursos para tal, entretanto, ficariam sob sua própria responsabilidade, sendo necessárias a contínua atualização das disposições originariamente vinculadas ao trabalho voluntário e à comunicação. Ainda que sob o véu de aparente legitimidade, o conjunto de ações utilizadas por aquele poder estimula a ausência do próprio Estado em relação à políticas vigorosas que de fato almejem a democratização da cultura, incitando o fomento das atividades desenvolvidas pela entidade à fortuitas iniciativas privadas.

FINANCIAMENTO:

Não houve financiamento para a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. O social e a sociologia em uma era de incertezas. **Actas das sessões plenárias do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 1996, pp.107-118.

ARAÚJO, Samuel. Prefácio – O campo da Etnomusicologia brasileira: formação, diálogos e comprometimento político. In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (orgs.). **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2016.

AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine. Ser visível para existir: a injunção da visibilidade. In AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (orgs.). **Tiránias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

BAND Cidade. Instituto Anelo no Jornal da Band 18/02/2014. **Youtube**. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YA_EG9-H4yo. Acesso em 18 de julho de 2017.

BARBOSA, Frederico. Os jovens brasileiros e as suas práticas culturais: entre universalismo e singularidades. In: SILVA, Enid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa (orgs.). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.

BARUS-MICHEL, Jaqueline. Uma sociedade nas telas. In AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (orgs.). **Tiránias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

> Práticas musicais e mídia

BIRMAN, Joel. Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão. In AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (orgs.). **Tirantias da visibilidade**: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 12 edição. Petrópolis: Vozes. 2011.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In : ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria dos sistemas de ensino. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. SP: Ed. Perseu Abramo, 2005.

CORDOVIO, Fernando Costa. **Distinção social em práticas musicais**: educação, mídia e política. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

CORDOVIO, Fernando Costa. **Música, educação e sociedade**: uma história de jovens instrumentistas em Campinas (SP). 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CORREIO POPULAR. **Música revela talentos no Florence 1**. Correio Popular – Projeto Cidadão. Campinas. 2007.

DUTRA, Manuel. A construção da manchete: o verbo e a função efetiva na notícia. **Manuel Dutra Jornalismo Ciência Ambiente**. Disponível em: http://blogmanueldutra.blogspot.com.br/2015/10/a-construcao-da-manchete-o-verbo-e_12.html. Acesso: 9 fev. 2018.

FEAC. FEAC - Quem somos. **Fundação FEAC**. Disponível em: <http://gife.org.br/associados/fundacao-feac/>. Acesso: 9 jun. 2017.

GUAZINA, Laize. **Práticas musicais em organizações não governamentais**: uma etnografia sobre a (Re) Invenção da Vida. 344 f. Tese (Doutorado em Música), Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

HIKIJ, Rose Satiko. **A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

INSTITUTO ANELO. Anelo – Música que transforma. **Vimeo**. Disponível em <https://vimeo.com/187186450>. Acesso em 30 de dezembro de 2018.

INSTITUTO ANELO. **Folder de apresentação**. Instituto Anelo, Campinas, SP, 2017.

INSTITUTO ANELO. **Instituto Anelo**. Disponível em: <http://www.anelo.org.br/NossaHistoria.php>. Acesso: 30 jun. 2014.

KLEBER, Magali. **A prática musical em ONGs**: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. 349 f. Tese (Doutorado em Música) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, 2015.

LAHIRE, Bernard. Indivíduo e mistura de gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 4, p. 795-825, 2007.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios de disposições - Para uma sociologia em escala individual. In: VISSER, Ricardo; JUNQUEIRA, Lília. **Dossiê Bernard Lahire**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARIA, Julio. **Escola de música recruta jovens contra o tráfico**. O Estado de São Paulo. Caderno 2 – Música, p. C6. 1 de junho de 2014.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2016.

MEDEIROS, Delma. **Trilha Sonora da vitória**. CORREIO POPULAR – Caderno C, 26 de maio de 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Eric. Em Campinas, Instituto Anelo usa a música para modificar vidas. Correio Popular – Caderno Cidades, Capa. Campinas – SP. Disponível em: http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/05/capa/campinas_e_rmc/258991-em-campinas-instituto-usa-a-musica-para-modificar-vidas.html. Acesso: 14 jul. 2017.

SAINT MARTIN, Monique de. Capital simbólico. In: CATANI, Afrânio Mendes; et al. (orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 107-116, 2002.

> Práticas musicais e mídia

SIQUEIRA, Marita. ONG perde sede e busca auxílio. *Correio Popular*, Caderno Cidades, p. A6. Campinas, 17 de fevereiro de 2014.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

Submetido em: 03 jun. 2022

Aprovado em: 16 maio 2023

Verificado por análise de similaridade do Turnitin



“Práticas musicais e mídia – (in)visibilidades contemporâneas e distinção social” no Instituto Anelo (Campinas-SP), de autoria de Fernando Costa Cordovio, está licenciado sob CC BY 4.0.

